



O LEITOR



INFORMATIVO LITERÁRIO



Dois escritores que a França nos legou

Antoine de Saint-Exupéry

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”

Nesta Edição:

Dois escritores que a França nos legou... (pg. 1)

Uma alma escrita, Antoine de Saint-Exupéry..... (pg. 1)

Sobre o gênero literário Ficção Científica.....(pg. 2)

A arte medieval da literatura(pg. 3)

O impressionante Júlio Verne.....(pg. 3)

Algumas vezes podemos lembrar de uma nação não somente por eventos históricos, como revoluções; guerras; holocaustos, etc. Podemos elevar a memória de uma nação também pelos feitos de seus “filhos”, de seus compatriotas.

A “delicada” França, que historicamente já nos rende muito assunto, também nos entrega muitos dos melhores escritores de todos os séculos, e neste número do informativo literário, lembramos de dois destes grandes nomes da literatura francesa: Antoine de Saint-Exupéry e Jules Verne.

Separados por poucos anos, a fecundidade de seus escritos reverberam até os dias atuais. Um é conhecido por sua visão futurista e visionária, com grande apelo ao positivismo científico; o outro por suas narrações simples, mas com profundidade interior de mudar a vida humana. Com certeza ninguém negará a dedicação de Verne em apresentar o lado mais entusiasta dos feitos científicos, chegando a quase prever futuras aventuras humanas,

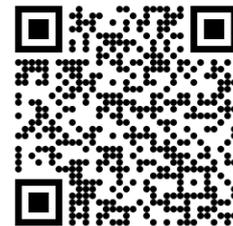
como, por exemplo, a viagem até o satélite da Terra, a Lua. Assim como a grande maioria dos que leram o famoso *Pequeno Príncipe* de Exupéry, concordará em suas pequenas, pontuais e profundas reflexões a cerca da existência e coexistência da vida humana.



Dois gigantes da literatura que *O Leitor* alegra-se em destacar neste mês.

Aventure-se!

O Editor



ASSINE O
INFORMATIVO
COMO
FORMA DE
PATROCINAR.

Uma alma escrita, Antoine de Saint-Exupéry

“O Homem distingui-se dos homens. Nada se diz de essencial acerca da catedral se apenas falarmos das pedras. Nada se diz de essencial a respeito do Homem se procurarmos defini-lo pelas qualidades humanas.” (Antoine-Jean-Baptiste-Marie-Roger Foscolombe de Saint-Exupéry)

Antoine-Jean-Baptiste-Marie-Roger Foscolombe de Saint-Exupéry (29 de junho de 1900, Lyon - 31 de julho de 1944, Mar Mediterrâneo) foi um escritor, ilustrador e piloto da Segunda Guerra Mundial, terceiro filho do conde Jean Saint-Exupéry e da condessa Marie Foscolombe.

Apaixonado desde a infância pela mecânica, estudou a princípio no colégio jesuíta de Notre-Dame de Saint-Croix, em Mans, de 1909 a 1914. Neste ano da Primeira Guerra Mundial, juntamente com seu irmão François, transfere-se para o colégio dos Maristas, em Friburgo, na Suíça, onde permanece até 1917.

Quatro anos mais tarde, em abril de 1921, Antoine inicia o serviço militar no 2º Regimento de Aviação de Estrasburgo, depois de reprovado nos exames para admissão da Escola Naval.

A 17 de junho, obtém em Rabat, para onde fora mandado, o brevê de piloto civil. No ano seguinte, 1922, já é piloto militar brevetado, com o posto de subtenente da reserva. Em 1926, recomendado por amigo, o Abade Sudour, é admitido na Sociedade Latécoère de Aviação, onde começa então sua carreira como piloto de linha, voando entre Toulouse, Casablanca e Dacar, na mesma equipe dos pioneiros Vacher, Mermoz, Guillaumet e outros. Foi por essa época, quando chefiou o posto de Cap Jubu, que os mouros lhe deram o cognome de senhor das

areias[carece de fontes?].

Faleceu durante uma missão de reconhecimento sobre Grenoble e Annecy. Recentemente, o alemão Horst Rippert assumiu ser o autor dos tiros responsáveis pela queda do avião e disse ter lamentado a morte de Saint-Exupéry. Em 3 de novembro, em homenagem póstuma, recebeu as maiores honras do exército. Em 2004, os destroços do avião que pilotava foram achados a poucos quilômetros da costa de Marselha. Seu corpo jamais foi encontrado. Também uma das suas maiores criações foi a do livro "O Pequeno Príncipe"

Valderi da Silva
www.valderi.com.br

Sobre o gênero literário Ficção Científica

A ficção científica é um gênero ficcional desenvolvido no século XX e se refere às narrativas que incluem componentes científicos como essenciais ao andamento da trama.

Esse gênero consiste, a priori, de uma elaboração de fatos e princípios científicos em forma de narrativa, mas também pode abordar temas fantásticos, que, inclusive, contradigam tais fatos e princípios. Entretanto, nas duas situações, deve haver algum nível de plausibilidade e verossimilhança.

Suas raízes na história da literatura remontam ao início do XIX, com a novela gótica Frankenstein, da autora inglesa Mary Shelley, o terror psicológico de Robert Louis Stevenson (O Médico e o Monstro), os romances de Júlio Verne (Viagem ao Centro da Terra), baseados nas invenções científicas, e as novelas de crítica social de H. G. Wells (A Guerra dos Mundos).

A popularização massificada da Ficção Científica teve início a partir de 1926, quando Hugo Gernsback fundou a Amazing Stories Magazine, dedicada exclusivamente a histórias do gênero.

Entre os maiores expoentes do gênero, destacam-se autores como os russos Ayn Rand (A Nascente) e Isaac Asimov (Eu, Robô), os britânicos Arthur C. Clarke (Encontro com Rama) e J. G. Ballard (Crash), e os norte-americanos Ray Bradbury (Fahrenheit 451) e Philip K. Dick (Androides Sonham com Ovelhas Elétricas). O enfoque destes autores inclui predições, muitas vezes em tom de distopia, de sociedades futuras na Terra, além de análises das consequências da viagem interestelar e a exploração de formas de vida inteligentes fora da Terra e suas sociedades em outros planetas e

galáxias.

Pode-se classificar a Ficção Científica como um subgênero dos romances de Aventura, Mistério, Drama e Horror. A diferença essencial é que, à diferença dos demais gêneros, tenta convencer o leitor de que as situações apresentadas podem não ser possíveis no contexto atual, mas são verossímeis, baseadas em explicações científicas ficcionalizadas. Nesse aspecto, difere da Ficção Fantástica, na qual a preocupação de afirmar a viabilidade real de seus acontecimentos não ocorre, como podemos observar nas obras de Kafka, Borges e García-Márquez.

Apesar de ser considerada por poucos como gênero literário favorito, a Ficção Científica ganhou bastante popularidade devido ao rádio, televisão, histórias em quadrinhos e cinema. Muitas vezes, as obras são adaptações de romances famosos, como no caso dos filmes 2001, uma Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick, e Blade Runner, de Ridley Scott.

Um caso particularmente interessante ocorreu em 1938, quando o então jovem diretor cinematográfico Orson Welles leu em rede nacional, pela emissora CBS (Columbia Broadcasting System) a novela supracitada A Guerra dos Mundos, de Wells, até então desconhecida. O realismo empregado na leitura, aliado à engenhosidade da trama, levou boa parte da população norte-americana a ser tomada pelo pânico, acreditando que o planeta Terra estava realmente sendo vítima de um ataque de marcianos.

Casos como esse só ressaltam o poder de persuasão das narrativas do gênero.

A arte medieval da leitura

O Arquivo Europeana oferece uma viagem virtual em sete seções, explicando como as pessoas liam na Idade Média, do ano 500 até 1550

A Europeana é um grande portal educativo que preserva o patrimônio cultural europeu em formato digital. Proporciona aos entusiastas, profissionais, professores e investigadores um acesso digital a vasto acervo do patrimônio cultural europeu (obras de arte, livros, música, jornais, arqueologia, moda, ciência, esporte e muito mais), organizado por coleções.

Os arquivos medievais merecem atenção especial. Uma das suas mais recentes exposições online se intitula “A Arte da Leitura na Idade Média”, descrita como “uma viagem pela sociedade da Europa medieval para descobrir o rico espectro de manifestações da leitura”.

A Idade Média europeia, conforme os historiadores concordam pelo menos até certo ponto, vai do final da Antiguidade Clássica até ao início do Período Moderno – ou seja, cobre amplamente os anos 500-1500 (embora a Europeana a tenha estendido até 1550 para incluir na exposição a passagem gradual da comunicação escrita para a impressa). Já o termo “medieval” é uma invenção muito mais recente: em vez de pensarem que viviam num período intermediário entre a Antiguidade Clássica e a Renascença, as pessoas “medievais” entendiam o seu dia-a-dia e o seu tempo, fosse nos anos 700, fosse nos anos 1200, como uma continuação da Antiguidade.

É comum pensar que a alfabetização era muito rara na Idade Média, uma espécie de habilidade secreta dominada apenas por alguns monges privilegiados, padres e nobres mais ou menos inteligentes. Embora haja alguma verdade nisso, a Europeana explica que “é anacrônica a ideia

de que fosse letrada a pessoa que soubesse ler e escrever, e iletrada a que não soubesse” – ou seja, depende do que devemos entender por analfabetismo no próprio contexto medieval. O próprio Carlos Magno, segundo o seu biógrafo Einhard, sabia ler, mas não sabia escrever.

De fato, havia muitas formas de “ler” na Idade Média. As igrejas eram consideradas as “bíblis dos analfabetos”, e as pessoas podiam “ler” imagens (pinturas, altares, capelas e vitrais) com facilidade – aliás, seriam capazes de identificar histórias, tópicos, personagens clássicos e bíblicos, metáforas, lendas e muito mais, apenas olhando para uma imagem. A familiaridade com textos clássicos e bíblicos não era de todo estranha: “durante a Idade Média”, explica a Europeana, “era comum que os textos fossem lidos em voz alta perante um público”.

As sete seções desta exposição online vão desde o cultivo monástico da “Latinitas” na Alta Idade Média até a criação de novos gêneros literários (nomeadamente, a literatura cortesã) na Baixa Idade Média, passando pela adoção da escrita e da leitura por comerciantes e artesãos para as suas próprias finalidades cotidianas, e pela incorporação de algumas línguas vernáculas mesmo em ambientes religiosos – comumente imaginado como um domínio exclusivo do latim.

Aleteia.org (06/12/2022)



Acesse o novo site do informativo literário:

www.oleitor.info

Envie seu comentário para nosso e-mail
info.oleitor@gmail.com

O impressionante Júlio Verne

Júlio Verne, escritor francês, nasceu em 8 de fevereiro de 1828, em Nantes. Formado em Direito, nunca exerceu a profissão, pois escolheu se dedicar à literatura. Seu sucesso como escritor chegou em 1863, quando publicou o livro *Cinco semanas em um balão*. Em seguida, escreveu outros grandes sucessos, antes de falecer em 24 de março de 1905.

Em suas obras, Verne, em meio às aventuras de seus personagens, expõe conceitos científicos da época. Além disso, cria realidades futuristas, com a presença de máquinas voadoras, por exemplo. Dessa forma, une literatura e ciência, e constrói as bases da ficção científica.

Júlio Verne (ou Jules Verne) nasceu em 8 de fevereiro de 1828, em Nantes, na França. Estudou nos seminários Saint-Donatien e Petit, além do colégio Saint-Stanislas e do Liceu Real de Nantes. Desse modo, teve uma formação clássica, com estudos de grego e latim. Em seu tempo no liceu, escreveu seus primeiros textos literários.

Em 1846, apaixonado por sua prima Caroline, teve sua primeira desilusão amorosa, pois ela acabou se tornando noiva de outro rapaz. O escritor ficou ainda mais triste quando seu irmão Paul realizou o sonho de ambos e se tornou marinheiro. Para o escritor, só restava agora obedecer ao pai e fazer faculdade de Direito.

Um ano depois, o jovem autor chegou a Paris para fazer seu primeiro exame de ingresso na universidade e, também, para tentar esquecer a mulher amada. Mais tarde, como estudante, começou a frequentar a vida boêmia parisiense, além de ficar amigo do escritor Alexandre Dumas (1802-1870). Em 6 de agosto de 1850, obteve a licenciatura em Direito, mas, para desgosto do pai, decidiu não exercer a profissão.

Sem a ajuda do pai, Verne passou por grandes dificuldades financeiras em Paris, enquanto tentava se firmar como escritor, mas recebeu a ajuda de Alexandre Dumas Filho (1824-1895) e se tornou secretário do Teatro Lírico. Mais tarde, em 1857, ele se casou com Honorine de Viane (1831-1910) e, para sustentar a família, começou a trabalhar como corretor da Bolsa de Valores.

No ano de 1861, apesar de o autor ter perdido seu interesse por Honorine e viver em um casamento sem amor, nasceu seu único filho — Michel Verne. Dois anos depois, em 1863, Júlio Verne publicou seu livro *Cinco semanas em um balão*, com o qual obteve grande sucesso. A partir daí, pôde se dedicar exclusivamente à literatura e alcançou fama mundial com suas obras, antes de morrer em 24 de março de 1905, em Amiens, na França.

Além de escrever, Verne viveu outras aventuras. Em 1867, ele

cruzou o Atlântico e conheceu Nova Iorque. Três anos depois, recebeu condecoração da Legião de Honra da França. Já em 1873, esteve a bordo de um balão por meia hora. Seis anos depois, viajou com o filho para a Escócia. Em 1888, foi eleito vereador de Amiens.

Júlio Verne escreveu livros de ficção científica direcionados aos jovens do século XIX. No entanto, eles conquistaram também leitoras e leitores do século XX e XXI, pois estão sempre repletos de aventuras fantásticas. Nessas obras, é possível observar que o autor sofreu influências do positivismo, já que os relatos são amparados em conceitos científicos da época.

Assim, alguns de seus personagens possuem conhecimentos sobre biologia, geografia, geologia e paleontologia. Além disso, algumas obras possuem um caráter futurista, já que apresentam tecnologias ainda não inventadas na época, como máquinas voadoras.

Como outras obras do gênero, é notável o encantamento do narrador diante das coisas extraordinárias que a ciência pode criar, mas também a reflexão em torno do mau uso desse conhecimento. No entanto, o caráter de diversão e fantasia na obra de Verne sobressai à reflexão.

Mundo Educação



Apoio e divulgação:
VALMI
Projetos G. e C.
fb.com/valmi.projetos
Instagram.com/valmi.pgc



Organização:
Societas Libri
Sociedade de Literatura
twitter.com/LibriSocietas
Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

oleitor.info@gmail.com

Ou faça a assinatura mensal pelo link
<http://pag.ae/7XbvVz6zo>